

ACOLHIMENTO ÀS FAMÍLIAS ATÍPICAS NA ESCOLA PÚBLICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE)

SUPPORTING NEURODIVERGENT FAMILIES IN PUBLIC SCHOOLS: AN ACCOUNT OF EXPERIENCE IN SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICES (AEE)

Autor ¹ ROSINEY BARBOSA DA SILVA,
rosy.silvabarbosa@gmail.com

Autor ² ANA LUCIA DE SOUZA
LEONARDELI, ana.leonardeli19@email.com.

Resumo: Este artigo traz o relato de experiência do Projeto Acolher, realizado durante o ano de 2025 na E.M.E.F. Senador Darcy Ribeiro, em Porto Velho (RO). O foco principal foi criar um canal constante de escuta, orientação e suporte humano entre a escola e as famílias de alunos que fazem parte do público-alvo da Educação Especial. Para isso, o estudo utilizou uma abordagem qualitativa e intervencional, baseada em três pilares: formação temática, escuta qualificada com apoio psicológico e a participação ativa da comunidade, sempre respeitando o sigilo das informações por meio de termos de confidencialidade. Os resultados mostraram avanços bem importantes. Notou-se uma maior aceitação dos pais em relação aos diagnósticos e um melhor entendimento sobre o uso de medicamentos, graças a uma parceria com a área médica. Além disso, houve um esforço real para combater o capacitismo, substituindo termos inadequados pelo termo correto, pessoa com deficiência. Outro ponto fundamental foi o alívio da sobrecarga emocional das mães, que encontraram suporte em rodas de conversa e vivências mais humanizadas. Por fim, o projeto mostrou que acolher as famílias e oferecer uma atenção integral fortalece a rede de apoio e traz mais segurança para o dia a dia na escola e em casa. Isso reflete diretamente no aprendizado dos alunos e reafirma a escola pública como um lugar de afeto, emancipação e responsabilidade compartilhada.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Famílias Atípicas. Acolhimento Humanizado. Corresponsabilidade Escola-Família.

Abstract: This article presents an account of the Welcoming Project, carried out in 2025 at the Senador

Darcy Ribeiro Municipal Elementary School in Porto Velho (RO). The primary focus was to establish a consistent channel for listening, guidance, and human support between the school and the families of students within the special education target demographic. To achieve this, the study employed a qualitative, intervention-based approach grounded in three pillars: thematic training, attentive listening with psychological support, and active community participation—all while ensuring information privacy through confidentiality agreements. The results demonstrate significant progress. Parents showed greater acceptance of diagnoses and a better understanding of medication use, facilitated by a partnership with the medical community. Furthermore, there was a genuine effort to combat ableism by replacing inappropriate language with the correct term: "person with a disability." Another key outcome was the alleviation of the emotional burden on mothers, who found support through discussion circles and more humanized experiences. Ultimately, the project demonstrates that welcoming families and providing comprehensive care strengthens the support network and fosters a greater sense of security in daily home life. This directly impacts student learning and reaffirms the public school as a space of care, empowerment, and shared responsibility.

Keywords: Inclusive Education. Atypical Families. Humanized Welcoming. School-Family Co-responsibility.

1 INTRODUÇÃO

Garantir que alunos da Educação Especial entrem e permaneçam nas escolas regulares é uma vitória democrática essencial. Mas, para que a inclusão aconteça de verdade, não basta apenas cumprir burocracias, fazer matrículas ou adaptar o espaço físico. Se queremos que o estudante atípico se desenvolva plenamente, precisamos construir uma rede de apoio real, unindo a escola, as equipes de saúde e as famílias.

Muitas famílias atípicas chegam à escola exaustas. Elas carregam o peso de rotinas de cuidados intensos, a insegurança que vem com o

¹ Prof. Mestra em Educação.

² Prof. Esp. em Atendimento Educacional Especializado

Evento online

www.even3.com.br/conap2026

diagnóstico e o cansaço de ter lutado sozinhas para garantir os direitos de seus filhos. A construção de uma educação verdadeiramente inclusiva depende do envolvimento ativo de todos os atores do processo educativo, especialmente da família.

Quando o assunto são alunos com deficiência, transtornos do neurodesenvolvimento ou altas habilidades, esse vínculo precisa ser ainda mais forte. Afinal, é essa parceria entre a escola e a família que garante que o estudante se desenvolva por completo e tenha uma experiência escolar de qualidade. Às vezes o problema é não saber quais são seus direitos, outras vezes é uma questão emocional, falta de estrutura ou até aquele trauma de já ter se sentido excluído antes.

Criar estratégias de acolhimento para os pais parte do princípio de que a família tem um papel social e protetivo fundamental. Como Kaloustian (1998) bem aponta, a família é o lugar principal e insubstituível para garantir a sobrevivência e a proteção de cada um de seus membros. Por isso, quando damos atenção às vulnerabilidades socioemocionais de uma família que convive com uma criança atípica, estamos ajudando a restaurar a capacidade de cuidado deles e fortalecendo o ambiente onde o aluno se desenvolve.

Se pensarmos pelo lado da gestão democrática, Paro (2000) e Libâneo (2013) mostram que o trabalho educativo ganha muito mais força e eficiência quando conta com a participação direta da comunidade e com uma responsabilidade dividida entre escola e família. Já na área da Educação Especial, Mantoan (2006) e Cavalcanti (2017)

reforçam que a presença dos pais não deve servir só para resolver burocracias. Na verdade, esse contato precisa ser um espaço constante de escuta e parceria pedagógica, tendo o Atendimento Educacional Especializado (AEE) como o grande elo de ligação entre todo mundo

O Projeto Acolher surgiu justamente para derrubar essas barreiras. Assim, e partindo do princípio de que muitas famílias sentem que existe um muro entre elas e a escola, idealizamos o projeto. Nosso foco foi criar uma rede de apoio real para famílias atípicas, priorizando o acolhimento, o diálogo sincero e uma formação que gere confiança de verdade. Queremos construir uma ponte que seja, acima de tudo, humana e afetiva, conectando de vez a escola e o ambiente familiar.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Caracterização da pesquisa

Estudo descritivo e prático, fundamentado em uma pesquisa qualitativa e no relato de experiência. A abordagem tentou ir além da teoria, focando na escuta sensível e no equilíbrio entre o que os livros dizem e o que realmente acontece no cotidiano. Os encontros ocorreram durante o ano de 2025, sendo um encontro mensal, sempre na última quarta-feira de cada mês, nas dependências da escola. O objetivo principal foi desenvolver estratégias colaborativas que funcionassem de verdade para a inclusão escolar e oferecessem um suporte real para as famílias de alunos da Educação Especial.

2.2 Área de Estudo e Público-alvo

A pesquisa e a intervenção foram realizadas pelo Atendimento Educacional Especializado da E.M.E.F. Senador Darcy Ribeiro. O foco do trabalho foram os pais, mães e responsáveis por alunos atípicos da instituição. É um grupo que, infelizmente, enfrenta uma sobrecarga emocional constante, rotinas de cuidados muito exaustivas e diversas barreiras para conseguir se aproximar do ambiente escolar.

2.3 Metodologia da pesquisa

Todo o estudo foi desenvolvido em torno do Projeto Acolher: Um olhar às famílias atípicas na escola, que conduzimos durante todo o ano letivo de 2025. Partindo do princípio de que muitas dessas famílias já chegam à escola esgotadas, carregando o peso de rotinas intensas, a insegurança de um diagnóstico e o cansaço de lutar sozinhas pelos direitos de seus filhos, o projeto surgiu para quebrar as barreiras que as afastam da vida escolar.

Para isso, o caminho metodológico principal foi estabelecer um canal constante de escuta ativa, orientação e, principalmente, suporte humano. A ideia era criar uma estratégia que estreitasse os laços de confiança e construísse uma ponte de afeto e parceria entre as famílias e a escola.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Acolhida Inicial, Diagnóstico e Alerta sobre o Uso de Telas

O primeiro encontro ocorreu em abril de 2025, na ocasião abrimos espaço para que os pais pudessem falar abertamente sobre o que sentiram

ao receber o diagnóstico de seus filhos. Foi um momento de muita reflexão, onde ficou claro que esse processo traz uma carga pesada de insegurança, um certo luto simbólico e, muitas vezes, uma sensação de isolamento social. Durante a conversa, reforçamos que cada criança é única e que um diagnóstico não define o que ela é capaz de realizar. Aproveitamos também para dar um alerta necessário sobre o uso excessivo e precoce de telas, já que isso pode prejudicar seriamente a saúde mental, o desenvolvimento cognitivo e o aprendizado dos pequenos.

Figura 1 – Encontro inicial



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

3.2 Desconstrução Linguística e Combate ao Capacitismo

Quando os pais trouxeram o desconforto que sentem em relação ao termo especial, a psicóloga clínica conduziu uma reflexão para repensarmos esse conceito. Explicamos que a palavra especial acaba funcionando como um eufemismo que pode soar paternalista. Seguindo o que estabelece a LBI (Lei nº 13.146/2015), reforçamos a importância de usar o termo oficial

pessoa com deficiência. Essa escolha é fundamental porque reconhece a condição de cada um com mais dignidade, objetividade e respeito.

Figura 2 – Roda de conversa - Capacitismo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

3.3 Alfabetização farmacológica e esclarecimentos sobre Transtornos do Neurodesenvolvimento

Um dos grandes saltos que demos no projeto aconteceu durante os encontros interdisciplinares que organizamos com estudantes de medicina. Essa parceria foi essencial para levar informações detalhadas aos pais sobre os psicofármacos que costumam ser prescritos para alunos com TEA e TDAH.

Percebemos a necessidade de falar sobre o uso das medicações, pois foi perceptível o temor, dos pais em relação aos efeitos dos remédios nos filhos. Muitos relataram angústia em perceber como as crianças ficavam após a medicação, houve tanto relato de comportamento de apatia, quanto de agitação extrema. Situações essas que os levaram a parar de ministrar a medicação, interrompendo por conta própria, sem um retorno prévio ao médico.

Os futuros médicos conseguiram explicar, de um jeito bem simples e sem aqueles termos técnicos, como funcionam os componentes químicos e o papel de cada remédio no sistema nervoso central. Mais do que apenas explicar a ciência, o foco foi alertar as famílias sobre o perigo de pular etapas: não se deve fazer automedicação, interromper o tratamento de repente ou mudar a dose por conta própria. Ficou bem claro para todos que o remédio não faz milagre sozinho e não substitui o trabalho de fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais ou psicólogos. Na verdade, a medicação funciona como um suporte para ajudar na aprendizagem e na autorregulação, abrindo caminho para que as terapias funcionem ainda melhor.

Figura 3 - Palestra com acadêmicos de Medicina



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

Esse ponto realmente chamou a atenção durante os encontros, percebemos o quanto as famílias precisam de um suporte técnico mais direto sobre transtornos do neurodesenvolvimento e o uso de psicofármacos. Na prática, o que a gente vê são

muitos pais lidando com uma insegurança enorme e com a falta de informações claras durante as consultas médicas.

Para tentar mudar esse cenário, focamos em trazer o letramento farmacológico para o cotidiano. Isso ajudou as mães a entenderem de verdade como os remédios funcionam e por que seguir o tratamento à risca é tão vital. Ao desmistificar o uso da medicação e mostrar que o remédio não substitui a terapia, mas funciona como um aliado, conseguimos dar a elas muito mais confiança para lidar com a rotina de cuidados em casa.

3.4 Roda de escuta ativa, sobrevivência emocional e parentalidade positiva

Os registros e depoimentos colhidos durante as intervenções mostraram uma realidade dura: a rotina das mães de crianças da Educação Especial é um ciclo sem fim de cansaço físico e emocional. Essa sobrecarga é tão constante que acaba empurrando as próprias necessidades dessas mulheres para o esquecimento. Nossos encontros periódicos acabaram indo muito além de simples reuniões; eles funcionaram como um suporte terapêutico profundo, criando um porto seguro onde elas puderam falar sem medo de serem julgadas. Uma das participantes chegou a descrever o quanto o projeto foi essencial para o seu autocuidado, como vemos abaixo:

"[...] a gente não tem muito tempo para nós mesmas, para nós parar, cuidar de nós [...] e a psicóloga veio com essa ideia [...] de ter essa psicóloga uma vez por mês e isso era muito bom" (Depoimento de participante, 2026).

Essa experiência confirma exatamente o que Kaloustian (1998) defende, não tem como restaurar a capacidade de cuidado de uma família ou melhorar o ambiente de aprendizado de um aluno sem antes acolher as vulnerabilidades socioemocionais de quem está em casa.

Durante os encontros, priorizamos uma escuta afetiva e genuína, criando um espaço seguro para que cada família pudesse desabafar seus sentimentos, dores e angústias. Além disso, aproveitamos esses momentos para trabalhar o conceito de parentalidade positiva, incentivando o hábito de verbalizar apoio, valorizar as conquistas dos filhos e elogiar cada pequeno avanço que eles alcançam.

3.5 Cuidando de quem cuida

Para proporcionar um momento de reflexão e autocuidado para as mães, que foram a maioria no grupo, convidamos uma médica para conversar sobre saúde da mulher durante os encontros. A intenção foi mostrar que quem cuida de todo mundo o tempo todo também merece ser cuidada.

Quando olhamos para os bastidores da vida de uma mulher, especialmente se ela for mãe atípica, percebemos uma realidade que muitas vezes passa despercebida. Existe uma sobrecarga física e emocional gigante, aquela culpa materna que não dá trégua, noites mal dormidas que viram cansaço crônico, além do isolamento social e o fato de que a própria saúde acaba ficando sempre por último na lista de prioridades.

Diniz (2007), discute como a sociedade joga essa sobrecarga e a responsabilidade total do cuidado sobre as costas das famílias e, invariavelmente, sobre as mulheres. Evidenciando todo o desgaste físico, emocional, o isolamento e a invisibilidade do trabalho de cuidar de um filho com deficiência.

É nítido que essas mães enfrentam barreiras muito reais, como a falta de uma rede de apoio de verdade, a escassez de tempo, a falta de recursos financeiros e uma saúde mental que vive no limite. Esse cenário pede, acima de tudo, acolhimento.

Na ocasião, foi conversado sobre os serviços oferecidos pelo Sistema Único de Saúde - SUS, como o agendamento de consultas nas Unidades de Saúde da Família e o apoio ao planejamento familiar. Um ponto que chamou a atenção, pois muitas mães ainda não conheciam, foi sobre as consultas por telemedicina também disponível no SUS.

Esse formato de atendimento vem facilitando muito a vida das pessoas e é um direito de quem tem CPF e cartão do SUS. Com a telemedicina, temos a possibilidade de resolver questões práticas sem tanto desgaste, como renovar receitas, conseguir atestados, iniciar um acompanhamento psicológico, pedir exames de rotina ou tirar dúvidas sobre sono, dor crônica e alimentação, dentre outros.

Foi orientado sobre como praticar o autocuidado através de micro-hábitos, que levam de apenas 1 a 5 minutos por dia e cabem na rotina de qualquer pessoa. Algumas sugestões foram: tentar

beber um pouco mais de água ao longo do dia, abrir as janelas logo cedo para pegar um pouco de sol e ajudar a baixar o cortisol, ou simplesmente se espreguiçar e fazer um alongamento ao acordar ou antes de dormir.

Outra sugestão, foi buscar a tentativa de comer usando a mão não dominante em alguma refeição para ajudar a desacelerar. E, claro, a importância de reservar um tempo para fazer algo que goste, pelo menos uma vez por semana.

Figura 4 - Encontro com a médica clínica - Cuidando de quem cuida



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025).

O encontro foi finalizado com um escalda-pés, reforçando que tirar um momento para se cuidar não é egoísmo. E sim, um ato de amor próprio e também de amor pelo filho. Lembramos a todas que são mulheres e mães incríveis, que dão o seu melhor todos os dias, e isso já transforma a vida de quem vocês amam.

3.6 O encerramento na mesa posta: resgatando a dignidade e o afeto

Terminar as atividades com uma vivência

mais humanizada fez toda a diferença. Organizamos um lanche comunitário, mas não foi só uma refeição qualquer. Montamos uma mesa posta com todo o cuidado, decoração e, principalmente, com muito afeto. Esse gesto simples mostrou o quanto ações que valorizam a dignidade humana podem impactar as pessoas de verdade. Pelos relatos emocionados que ouvimos, deu para perceber que aquele sentimento de invisibilidade social, que tantas dessas mães carregam há tanto tempo, deu lugar à autoestima e ao senso de pertencimento. Isso acontece quando a escola decide ser, de fato, um lugar de acolhimento.

“[...] tudo o que vocês fizeram por nós, eu não me sentia merecedora, nunca tive nada assim, nunca tinha sentado em uma mesa tão bonita”. (Depoimento de participante, 2026).

Essa experiência prova que, quando a escola se une, busca parcerias, e acolhe o aluno e sua família, o resultado vai muito além do ensino tradicional. Criamos o que podemos chamar de uma tecnologia social para humanizar as relações. É um trabalho que caminha junto com os princípios de gestão democrática e educação inclusiva defendidos por autores como Mantoan (2006) e Libâneo (2013).

Figura 5 - Encerramento dos encontros - Mesa posta



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Acolher deixou bem claro que incluir alunos atípicos de verdade na escola só funciona quando a gente olha para as famílias como um todo. Ao unir atendimento especializado, psicologia clínica, suporte médico e uma escuta atenciosa, a escola conseguiu se transformar em um verdadeiro porto seguro para toda a comunidade.

Os resultados falaram por si só. Os pais passaram a se sentir muito mais seguros para lidar com medicações e comportamentos, a confiança nos tratamentos cresceu e vimos uma redução real de falas capacitistas. Além disso, a autoestima das mães atípicas deu um salto considerável.

No entanto, o sucesso de iniciativas assim depende da sensibilidade da instituição em entender que quem cuida também precisa de cuidado e de alguém para ouvir. O projeto provou que validar as dores, os medos e as capacidades dos pais não só fortalece a rede de apoio da família, mas reflete diretamente no aprendizado e no desenvolvimento dos alunos. Isso reafirma o papel da escola pública

como um espaço de afeto, direitos humanos e emancipação.

Figura 6 - Encerramento dos encontros - Grupo Acolher 2025



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2025)

Agradecimentos

Agradecimentos a Psicóloga parceira Lorena de Alencar Barbosa, cujo carisma, dedicação e suporte emocional prestado fez toda a diferença durante o projeto. As famílias que participaram e colaboraram com a pesquisa, bem como aos auxílios recebidos de nossas Gestoras Geanilce Camilo e Mozalina Silva por todo suporte durante o desenvolver do projeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva**

da Educação Inclusiva. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

CAVALCANTI, M. **Educação Especial e Inclusão Escolar:** redes de apoio e atuação do AEE. São Paulo: Editora Acadêmica, 2017.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência.** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

KALOUSTIAN, S. M. (org.). **Família Brasileira, a base de tudo.** 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNICEF, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Hebrus, 2013.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar:** O que é? Por que fazer? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.